

Luise Volkmann
Eudaimonia

Foi-se o tempo em que grandes conjuntos ou qualquer agrupamento de pequenas formações de jazz eram invariavelmente Big Bands. Foi-se também o tempo em que esses músicos tinham que optar entre tocar de modo tradicional ou livre. As possibilidades de combinações e criações no jazz se expandiram. O CD "Eudaimonia", da jovem saxofonista e flautista Luise Volkmann, é a mais agradável prova da música enquanto lugar de experimentação, de possibilidades de expressão ilimitadas.

Luise é uma devotada contadora de histórias --ou, se você preferir, uma sensível pintora de retratos, duas habilidades intrínsecas uma à outra. No centro de cada composição está sempre a história que ela quer contar. E para isso ela considera não só a forma e a estrutura, mas também a dinâmica e a dramaturgia necessárias a cada uma dessas histórias, além dos músicos certos para tal tarefa. Em seu "Eudaimonia" ela reuniu 12 cúmplices --que estão ali não só para criar cenas diferentes, mas também para fazer interpretações musicais em parte divergentes, que juntas se complementam de forma grandiosa.

A expressão Eudaimonia tem origem no grego antigo e é usada para descrever um estado mental equilibrado devido a um estilo de vida bem-sucedido. No passado, filósofos gregos eram unânimes ao se referirem à Eudaimonia como um estado a que se aspirava chegar, mas discordavam sobre o caminho que levava até lá. Pré-requisito era a autossuficiência --e é esta a matéria-prima das composições de Luise. Ela dá às suas peças exatamente aquilo de que precisam, mantendo-se fiel ao roteiro de suas histórias e deixando de lado a redundância. Apesar da complexidade e variedade de formas de suas músicas, as narrativas estruturais as tornam acessíveis, dinâmicas e geram identificação no ouvinte. O fato de que a jovem foi bem sucedida em seu primeiro CD (e o foi em um nível bastante alto) não é só inusual, mas também entusiasmante e promissor.

Luise teve experiências em formações maiores em conjuntos liderados por gente como Satoko Fujii e Lisa Mezzacappa. De Fujii ela incorpora o fervor; de Mezzacappa, a sensibilidade para a mutabilidade no contexto musical. Com bom gosto e sem pressa, Luise transita entre a música de câmara, a livre improvisação de jazz e a urgência do rock alternativo. "Me interessam questões de espaço e forma na música. A forma costuma ser negligenciada", afirma a saxofonista.

Em "Eudaimonia", a inspiração para as criações vieram de retratos de pessoas e dos caminhos que elas deram às suas vidas. "Eu tentei, de forma intuitiva, partir de relações com os outros para criar formas. Algumas dessas relações mudaram durante o processo de composição e eu tive que levar isso em conta. Tentei me livrar dos parâmetros puramente emocionais em alguns lugares e pesquisá-los à medida em que momentos musicais interessantes iam surgindo." No final desse processo, que pode

ser chamado de qualquer coisa, menos direto, emerge uma música nada banal --mas que, de forma despretensiosa, captura a vida diária. "Uma música humana", nas palavras de Luise.

Os retratos de que fala Luise são na verdade visões muito particulares da compositora sobre pessoas próximas ou que a marcaram de outras formas. Que esses personagens nem sempre se revelem de modo evidente nas sete faixas que formam "Eudaimonia", isso é detalhe --para ela pouco importa se os retratados são ou não conhecidos por quem a ouve. "O que eu busquei foi retratar uma relação com uma pessoa próxima, e ao mesmo tempo contar uma história que, embora para mim seja pessoal, crie imagens abstratas de relações que o ouvinte possa associar às suas próprias. Todo mundo tem uma avó, uma melhor amiga. Todas são únicas, porém todas têm algo em comum. É isso que as torna tão interessantes." No primeiro plano dessas histórias estava o interesse naquilo que pessoas únicas fazem de suas vidas. Luise levanta questões essenciais sobre o sentido da existência e as transmite ao ouvinte em traduções poéticas sem precisar apontar o dedo indicador uma única vez. Em vez de buscar abrigo no alto de uma torre acusatória, ela se mistura entre nós como observadora e agente.

Para assegurar a diversidade de pontos de vista nessas músicas-histórias que são contadas, Luise se cerca de ilustre companhia: duas vozes, quatro madeiras, trompete, trombone, piano, violoncelo, baixo e bateria. Como os temas do álbum são inspirados em sua vida, ela reuniu músicos com quem esteve em diferentes momentos dela ao longo de sua carreira musical: dos estudos em Leipzig, dos trabalhos em Berlim, de uma conexão ao acaso com a Suécia e de uma temporada de dois anos em Paris. Todos esses momentos convergem na formação da banda, permitindo a Luise conectar visões internas e externas e transportá-las ao ouvinte com generosidade.

Em "Eudaimonia", a grande forma consiste em vários pequenos elementos visuais, que vão surgindo como num aquarela, para só então serem separados com rigor um do outro como nos contornos de uma HQ. Ou seria o contrário? Tudo continua imprevisível mesmo depois de já se ter ouvido o CD outras vezes --porque como em uma obra de Paul Auster, a vida e seus protagonistas são muito complexos para Luise a ponto de terem se exaurido após se ouvir sua história pela primeira vez. Esses retratos querem ser ouvidos de novo e de novo para revelarem novas nuances a cada vez. Aqui Luise entrega sua estreia furiosa como uma mestre da narrativa musical.